

Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil¹

BENTES, Anna Christina. LEITE, Marli Quadros. (Orgs.). 2010.
*Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas
no Brasil*. São Paulo: Cortez.

REZENDE, Renato Cabral
Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia

O livro define-se, já na primeira linha de sua apresentação, como uma celebração e uma homenagem. Celebração dos 25 anos de pesquisa do Grupo de Trabalho *Linguística de Texto e Análise da Conversação* (GT LTAC), da *Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística* (ANPOLL). Homenagem a Luiz Antônio Marcuschi, propositor e membro fundador do GT, cujo trabalho de pesquisa ao longo destes 25 anos sugeriu e/ou iluminou linhas de investigação da Linguística Textual (LT) e da Análise da Conversação (AC) no Brasil. A obra, porém, e evidentemente, guarda um compromisso científico que extrapola sua autodefinição. Seu subtítulo assevera-o (“panorama das pesquisas”), revelando, assim, sua importância histórica, teórica e metodológica para o campo dos estudos do texto e dos estudos da conversação, interação e língua falada.

A obra apresenta ao leitor a história da constituição desses campos. Eis seu primeiro objetivo central. Apresenta, principalmente, a *agenda científica atual* dos estudos do texto e da conversação, mediante outros três objetivos centrais: (i) fornecer uma aplicação das principais categorias analíticas com as quais os pesquisadores do GT LTAC têm trabalhado; (ii) descrever o desenvolvimento das teorias produzidas e/ou adotadas pelo GT LTAC; (iii)

1. Recebido em 16/07/2011. Aprovado em 09/09/2011.

expor, enfim, a pluralidade de perspectivas teóricas e soluções metodológicas produzidas/adotadas pelo grupo.

Trata-se de obra ambiciosa em sua concepção e execução, mas exitosa em seu resultado final. Trabalho de tamanha monta, num único volume, foi coordenado e organizado por Anna Christina Bentes, professora da UNICAMP, e Marli Quadros Leite, docente da USP, atuais coordenadoras do GT. Pesquisadoras de notória relevância, respectivamente, na LT e na AC, Bentes e Leite articularam quarenta e seis autores/as (organizados/as em diferentes grupos) de várias instituições de ensino superior brasileiras para a produção de 10 capítulos, totalizando 428 páginas. O volume está dividido em quatro partes, obedecendo a quatro divisões temáticas. Salvo o primeiro capítulo, de cunho estritamente histórico, os demais mesclam os quatro diferentes objetivos acima elencados, o que revela ao leitor que a construção de um campo do saber e sua agenda extrapolam o esforço didático (embora necessário) de sua divulgação.

A primeira parte da obra é intitulada *Histórico do Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL)*. Comporta dois capítulos. No capítulo 1, de Ingedore Koch, é narrada a constituição do GT LTAC, tendo como foco a atuação de Marcuschi no grupo. Koch revela que o percurso do GT se deve em larga medida à atuação e produção intelectual de Marcuschi. “Alma do grupo” (p. 39), segundo a autora, Marcuschi ministrou cursos de LT e AC em vários pontos do país, incentivando o ingresso de pessoas nestas áreas de pesquisa. Boa parte do desenvolvimento da LT e da AC no Brasil – sobretudo após a virada cognitiva nos estudos textuais, em temas como a referência ou os gêneros textuais da internet; na AC, os processos de construção do texto falado; os gêneros orais – foi marcada pelas contribuições dos trabalhos do professor Luiz Antônio Marcuschi.

De fato, o leitor observa ao longo do livro, ora mais, ora menos, a menção ao percurso intelectual do pesquisador e, principalmente, a seus trabalhos. Assim o é, também, o capítulo 2, escrito a oito mãos. Tem-se nele a apresentação da recepção da AC no Brasil, com destaque para datas

e fatos como a criação de grupos de pesquisa em AC pelo país. O histórico, porém, é feito situando o leitor nas críticas recebidas pela AC, aqui e alhures, enquanto campo do saber. Para ficarmos com uma, apenas: ressentida de uma teoria mais ampla do discurso e do texto, a AC padeceria de uma suposta ingenuidade na concepção das relações entre os atores sociais participantes da conversação. Eis porque, num segundo momento, o capítulo aborda os conceitos de *conversação* e *oralidade* (sendo Marcuschi o teórico-base). Alertam os autores da existência de mais de um conceito de conversação na AC (p. 58). Adotam eles o sentido de conversação como uma “constelação de fenômenos tipificáveis”, segundo Marcuschi (1988), sendo a *oralidade* um domínio das práticas comunicativas, na qual aquela “constelação” está contida. O capítulo apresenta ainda uma descrição absolutamente detalhada da composição das mesas redondas e do título de cada um dos trabalhos apresentados a cada edição das reuniões do GT LTAC. O leitor encontrará aí também a descrição das novas linhas de pesquisa que foram surgindo no interior do grupo ao longo do tempo, podendo constatar que a inclusão de gêneros digitais, ou do *rap*, ou ainda, de gêneros discursivos na sala de aula, apontam as direções da pesquisa em AC nas últimas reuniões do GT da ANPOLL. O capítulo finaliza com um breve diálogo da AC com a Semiótica Discursiva. Esforço bem vindo do campo de “integrar o exame dos textos conversacionais e das microrrelações sociais nele privilegiadas” (p. 81), inserindo-se a AC em uma visada mais ampla do discurso e do texto.

A segunda parte da obra é intitulada *Estudos sobre conversação, interação e língua falada*. É também composta por dois capítulos. O capítulo 3 propõe-se a analisar “interações em diferentes contextos” (p. 92), a saber, *chats* casuais e pedagógicos na internet e as entrevistas televisivas. Se contemplar o início dos dois capítulos, o leitor se dará conta de uma diferença no que diz respeito ao conceito de *conversação* adotado por esses diferentes grupos de autores. O grupo do capítulo 2 define conversação como “tipo particular de interação social, em que se empregam elementos verbais e não verbais” (p. 59), havendo conversações naturais e institucionais/formais. Já o capítulo 3 (escrito por seis pesquisadores) conceitua conversação como “processo interacional específico,

que implica participação conjunta dos interactantes na dinâmica evolutiva de um evento comunicativo informal, localmente processado” (p. 93).

Do porquê dessa diferença de recorte, em nossa percepção: pelas próprias análises apresentadas em seu interior, o capítulo 3 volta-se mais para os aspectos interacionais (e não apenas os estritamente linguísticos) nos textos orais. A conversação é uma forma apenas da *interação humana*, ação humana mais geral, de natureza coordenada e intencional na/para a construção social da realidade – a definição é assente em Marcuschi (1998). O texto conversacional é fortemente ancorado no processo interacional que envolve os participantes (p. 150). Neste sentido, as análises apresentadas no capítulo 3 mostram que *chats* informais são basicamente marcados por recursos de convite e, não raro, averiguação de disponibilidade do interlocutor para a interação. Já nos *chats* educacionais constata-se um sujeito (o/a professor/a) atuando como centro organizador da interação. Não há necessidade de chamamento do interlocutor, uma vez que a inicialização da interação é condicionada por acordo prévio do horário de sua realização, e se dá quando o professor informa a agenda da conversa virtual. A entrevista televisiva, por sua vez, pode estruturar-se em diálogos e trílogos, indo além do esquema didático previsto pelos estudos de base etnometodológica. As análises das entrevistas em *talk shows*, em especial, levam os autores à conclusão de que entrevistador e entrevistado são “cúmplices, no que diz respeito à comunicação, e oponentes, quanto à conquista” do público (p. 153).

O capítulo 4 da obra destoa um pouco dos anteriores (bem como dos vindouros). Não por demérito. Mas porque seu foco não é textual-discursivo *per se*. Recai sobre a gíria de grupo, discutindo o valor de sua indexicalidade social. Seu autor, Dino Preti, um dos membros fundadores do GT, debate a gíria como um “signo de grupo”, recurso linguístico que confere aos falantes algum sentido de inclusão ou, mesmo, de exclusão social. É o caso da gíria falada na antiga casa de Detenção de São Paulo. Preti observa que naquele contexto a gíria tem dupla função: possibilita a segurança e o respeito do falante no espaço prisional; fora dele, marca-o como “marginal”, garantindo sua exclusão da sociedade. O capítulo 4 é um exemplo nítido de que a pluralidade

de perspectivas teóricas e de interesses de pesquisa no GT LTAC pode alcançar diferenciações consideráveis, mas nem por isso, ressaltamos, comprometer a unidade do grupo (e nem do livro em questão), fato, diga-se, mencionado pelos autores da primeira parte da obra.

Essa pluralidade, também se pode afirmá-la com relação ao texto escrito quando tomado como objeto de estudo no interior do GT LTAC. A própria organização da obra conduz o leitor a perceber isso. Em sua terceira parte, *Estudos do texto e do discurso: teorias e modelos*, predominam exemplos de *corpora* escritos (há apenas 1 texto oral). Constituem-na os capítulos 5, 6 e 7. Os três analisam textos assaz diferentes sob perspectivas teóricas de abordagens textuais também assaz diferentes: (i) abordagem discursivo-enunciativas [capítulo 5]; (ii) abordagem sociocognitiva e interacional [capítulo 6]; e (iii) abordagem da análise textual dos discursos [capítulo 7].

O capítulo 5 tem como objeto de estudo a argumentação a partir de perspectivas discursivo-enunciativas. Os autores tomam o mesmo texto jornalístico, um artigo de opinião, e analisam a construção da argumentação nele segundo a Teoria Semiolingüística do Discurso, de Charaudeau (1983, 1992), e a Teoria da Argumentação da Língua (ou ADL, no francês), de Oswald Ducrot (1983). *Grosso modo*, a argumentação, para Charaudeau, é uma atividade complexa desempenhada pelo sujeito: expressão de uma convicção e sua explicação, tendo como objetivo a persuasão do interlocutor. Situa-se no âmbito da organização do discurso. Para Ducrot, a argumentação está na própria língua, é de sua essência. O objetivo do capítulo é mostrar que duas teorias enunciativas, apesar de algumas diferenças de concepção, podem chegar aos mesmos resultados analíticos. O capítulo apresenta um nível de discussão teórica (sobretudo no que tange à teoria de Ducrot) e de detalhamento analítico que demanda atenção redobrada do leitor não iniciado.

Também imbuído de densa carga teórica é o capítulo 6. Expõe a interface transdisciplinar da LT, com destaque para sua relação com os estudos cognitivos a partir da mútua constitutividade entre texto/discurso e sociocognição. O capítulo volta-se principalmente para a agenda de questões de ordem sociocognitiva envolvendo os temas da referenciação

e da organização tópica. Ambicioso, objetiva redimensioná-los (p. 254). Quanto ao primeiro tema, é feita uma releitura do conceito de anáfora, sendo tomado em sentido *lato*. “O que concebemos como anáfora, exorbita as relações cotextuais, ainda que não prescindia delas, e não se fixa nem mesmo na necessidade de uma manifestação formal de expressões referenciais no cotexto” (p. 236). Os autores debatem se haveria, de fato, uma distinção clara entre alguns tipos de anáfora e de dêixis. E discutem, com base em uma análise instigante de um texto escrito humorístico, se a anáfora indireta encapsuladora não seria um caso de anáfora correferencial – diferentemente de como prevê a conceituação clássica de anáfora indireta. Embora os autores não se comprometam com conclusões definitivas (o que nos parece lúcido da parte deles), é-lhes notória a indicação dos rumos de pesquisa que pretendem tomar: reavaliar, na verdade reformular, alguns conceitos desenvolvidos pela LT. O campo e o leitor aguardam seu desenrolar, que pode converter-se num grande (quicá arriscado) desafio epistemológico.

No que diz respeito ao tópico discursivo, é feita uma boa retomada do percurso de construção deste conceito, sobretudo da releitura operada por Jubran (2006) de Jubran et al. (1992). Porém, quanto à aplicação analítica desta categoria, ressalte-se que o capítulo apresenta trabalhos anteriores (com destaque para os trabalhos presentes na edição especial sobre tópico discursivo, de 2006, da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* [UNICAMP]), sem comprometer-se com uma análise própria. Vale destacar também que esta última parte do capítulo omite uma discussão teórica sobre diferentes concepções de quadro tópico apresentadas em Koch (1992) e Jubran et al (1992), presente na referida edição temática da *Cadernos*...

Já o capítulo 7 apresenta uma quarta abordagem teórica e descritiva de textos presente na LT, a saber, a Análise Textual dos Discursos (ATD), desenvolvida por Jean-Michel Adam. O autor é conhecido do público brasileiro de Letras e Linguística por suas pesquisas sobre sequências textuais (em obras de Koch e Fávero, 1988, por exemplo) e por suas contribuições nas reflexões sobre a relação texto, discurso e gênero em seu livro *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos* (Adam 2008). O capítulo,

pode-se afirmá-lo, configura uma espécie de recorte da obra. Seu objetivo é descrever a ATD em termos de sua proposta teórica e nos três níveis de seus dispositivos analíticos. Para tanto, o capítulo analisa diferentes gêneros de texto escrito. Apresentando assim a análise detalhada de unidades como: (i) proposições; (ii) períodos (Adam toma “período” tal como concebido pela tradição retórica); (iii) sequências textuais em seus tipos descritivo, argumentativo e explicativo; (iv) os planos de texto. Ato contínuo, os autores abordam a questão da responsabilidade enunciativa no texto, outra categoria analítica cara à ATD.

Finalmente, a quarta e última parte da obra, *Aplicações e desenvolvimentos dos estudos sobre interação e texto*, composta pelos capítulos 8, 9 10. Embora o título remeta o leitor ao campo aplicado, não se pode dizer que as análises presentes nos capítulos 5, 6 7 sejam incompatíveis na/para a reflexão e formação do leitor-professor de língua portuguesa. A especificidade, então, dos capítulos 8 e 9 é demonstrar, via seleção de “grandes temas” do ensino de língua materna em sala, e via relatos de pesquisas já concluídas, bem como de discussão dos desafios que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) impõem ao ensino de língua materna, que a LT está efetivamente também construindo reflexões acerca do texto como objeto de ensino no espaço escolar. Neste sentido, remetemos o leitor ao título da obra uma vez mais: o “panorama das pesquisas” inclui também o desenvolvimento dessa face da LT.

Assim, os capítulos 8 e 9, para efeito de leitura, podem ser lidos como uma grande unidade. O capítulo 8 explora três temas da abordagem do texto como o “ponto de partida e de chegada” (p. 316) do ensino de língua materna. O primeiro deles é a inter-relação “leitura e escrita”. Apresenta-se a construção dessa inter-relação desde a década de 70 até os dias atuais, sendo pontuada a mudança em cada estágio por que estes conceitos passaram, sendo enfatizadas as contribuições das perspectivas sociocognitivas e sociointeracionistas de linguagem no interior da LT.

O capítulo explora também a oralidade, o segundo grande tema. São destacados tanto fenômenos textuais da interação entre professor aluno quanto a própria organização textual mais global da aula enquanto evento. Os

autores argumentam, sobretudo, que a apropriação e produção de gêneros orais nas práticas escolares requerem a construção por parte do sujeito de uma reflexividade atuante, construída na própria ação do sujeito no/pelo gênero em questão. Os gêneros orais na escola requerem, principalmente, que ela, a escola, como espaço de construção pública de sentidos, saiba compreender a complexidade da oralidade na/para a construção de um cidadão apto ao diálogo e apto à participação pública. Eles requerem também que a escola disponha de um aparato didático para responder satisfatoriamente à multiplicidade dos gêneros orais já apropriados pelo aluno, dentro ou fora dela.

Por fim, o terceiro grande tema trabalhado no capítulo é o ensino de gramática. Os autores propõem que o ensino de recursos gramaticais deve pautar-se em atividades de uso, atividades reflexivas e atividade normativa, com vistas ao aprimoramento da competência comunicativa dos sujeitos.

O capítulo 9 retoma o tema da leitura e escrita, porém pensado ao contexto do ensino em meios digitais, mediante o uso de ferramentas das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC). Como a sigla TIC pode significar recursos tecnológicos que vão desde o DVD, o rádio, a televisão, o computador, o capítulo foca-se exclusivamente no computador conectado à *Internet*. Nota-se no capítulo que, da mesma forma que os autores do capítulo 8 se questionavam sobre como construir um sujeito reflexivo, que efetivamente compreende sua prática linguística, aqui se pergunta como o aluno forma-se um produtor/leitor de textos nos meios digitais segundo as especificidades destes meios. Que transformações tais meios trouxeram para a própria percepção do que são leitura e escrita?

A inserção das TIC no ensino significou, nos planos teórico e prático, a necessidade de se (re)pensar conceitos como *interatividade*, *interface* e interação – este último assaz presente nos capítulos 2, 3 e 5 da obra, premente à LT e à AC. A interatividade em rede, e a interface multimodal na produção de textos advieram com a *Web 2.0*, explicam as autoras, propiciando o surgimento de práticas de linguagem novas, potencializando a escrita hipertextual. Assim sendo, a escrita e leitura hipertextual demandam novas práticas de leituras em sala (e fora dela) porque o hipertexto “desterritorializa” o texto, “deixando-o

sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível” (p. 362). Faz-se então premente à LT discutir escrita hipertextual e coerência (os autores o fazem analisando um *site* da *internet*), este último conceito certamente um dos temas mais caros ao campo. O capítulo finaliza com reflexões sobre o *blog*, o *e-mail* e mesmo o *Twitter* como exemplos de TIC ainda a serem exploradas nas práticas de leitura e escrita na escola.

O último capítulo da obra, capítulo 10, por fim, não trata especificamente da aplicação de conceitos ao contexto escolar, mas de desenvolvimentos (como consta no título da seção) de possíveis caminhos para a LT. O capítulo aborda também, a exemplo do capítulo 8, três grandes temas, chamados de “desafios” teóricos da LT. São eles: as relações entre texto e contexto; a natureza multimodal dos textos escritos e o conceito de autoria. A premissa do capítulo é a de que as ciências humanas, em especial os estudos textual-discursivos, vivem um desafio de cunho mais geral: “dar visibilidade às relações entre uma pequenina parte, um dado específico, uma temática aparentemente local [um fenômeno textual, enfim] e o todo no qual este/esta se insere” (p. 389-390). Por poder constituir-se o texto como artefato linguístico-discursivo e como processo sociocultural, o texto é um fenômeno a um só tempo esquemático e historicamente situado. A produção textual de sentidos resulta sempre da dinâmica entre a dimensão emergencial, localmente situada, e à dimensão da incorporação [*embedding*] inerente a todo texto. Essa dimensão diz respeito à capacidade que os textos têm de refratar os valores e sentidos pertencentes a um campo social mais amplo. Os autores avaliam que esta segunda dimensão de incorporação ainda é pouco descrita e discutida na LT.

Num segundo momento, os autores propõem um “alargamento” do conceito de texto com base na articulação entre signos verbais e não verbais. O argumento consiste na necessidade de a LT conseguir explicar textos cada vez mais multimodais das diferentes esferas sociais. Tome-se o estudo dos quadrinhos. Uma tira cômica (gênero dos quadrinhos), por exemplo, é analisada com base na proposta de Ramos (2007), levando o leitor a perceber que categorias como objeto de discurso e retomada, características do texto

verbal, são plenamente aplicáveis aos quadrinhos. Ainda padecemos, segundo os autores, da falta de uma teorização que dê conta destas questões.

Finalmente, o capítulo discute o fenômeno da autoria. A justificativa é a de que a autoria é uma categoria sociocognitiva tanto na produção textual quanto nos processos de recepção textuais. Desta forma, um melhor conhecimento sobre autoria é muito útil para a análise da textualidade, pois “a partir do gênero textual e do tipo de autoria que ele permite, determinadas estratégias textuais são preteridas em função de outras” (p. 412). Neste sentido, os autores propõem uma tipologização da autoria em: autoria individual, quando o sujeito fala em nome próprio; autoria socioprofissional, em que o sujeito fala como porta-voz de uma classe ou grupo social e/ou profissional; autoria institucional, manifesta quando o autor apaga sua individualidade; autoria cultural, em que o sujeito retoma um discurso imemorial como a lenda ou o provérbio. O capítulo é finalizado com a análise de uma propaganda institucional articulando as reflexões teórico-analíticas presentes respectivas a cada desafio.

Do que se pode depreender da obra é que se trata de um grande empreendimento. Traz a público uma visada a um só tempo panorâmica o bastante para cobrir os 25 anos da história do GT LTAC, e, na maioria dos capítulos, aprofundada o suficiente para apresentar as teorias e procedimentos analíticos que os diferentes membros do GT têm discutido e pensado. De estrito foco acadêmico, a obra não se dirige ao público geral. Deve ser recomendada para estudantes e professores de graduação e de pós-graduação em Letras e Linguística. Neófitos que desejam iniciar o estudo de alguma teoria textual têm farto material de escolha à disposição, bem explicado e exemplificado. Melhor aproveitamento terão se a leitura se der em algum curso, com orientação devida. Iniciados que desejam ampliar seus conhecimentos têm à sua disposição farto material bem organizado, coerente em sua proposta e, resalte-se, bem escrito.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS



A revista **Investigações** aceita as seguintes contribuições: artigos inéditos, ensaios bibliográficos e resenhas críticas nas duas áreas de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Lingüística. Os trabalhos submetidos a **Investigações** devem ser enviados por e-mail, digitados em espaço 1.5, tipo 12, letra Arial, alinhamento justificado, em programa Word-for-Windows 2003, sem formatação, além de parágrafo e em três arquivos. No 1º arquivo deve constar o texto com a devida autoria. No 2º arquivo deve ser identificado o nome, titulação e instituição do autor, endereço residencial/trabalho, telefones, e-mail, além do título do trabalho. No 3º arquivo deve constar o texto sem informação que identifique a autoria. O 1º arquivo deve ser guardado em arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

As “Notas” devem ser digitadas ao fim de cada página, numeradas a partir de 1, em espaço simples, tipo 11, letra Arial, alinhamento justificado. Se houver nota referente ao título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ...como diz Preti (1991:43)...; referências após citação: (Preti 1991:43); no caso de paráfrase (cf.: Preti 1991:43). Nunca usar “idem”, ou “idem, ibidem”. Para ênfase usar *itálico* e não sublinhar.

“Tabelas”, “gráficos”, “desenhos”, “quadros” e “árvores” devem estar inseridos no texto, ser numerados e conter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

O Resumo deve ser digitado em tipo 11, letra Arial, espaço simples, alinhamento Justificado, com cerca de 100 palavras (no máximo), em português, inglês (obrigatórios) e uma terceira língua estrangeira: francês, espanhol, italiano ou alemão. Devem, ainda, ser seguidos de, no máximo, quatro palavras-chave nas línguas citadas. Recomenda-se que os mesmos sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas.

O título deve ser digitado em tipo 16, letra Arial, espaço simples, alinhamento centralizado, e o nome do(s) autor(es) deve ser digitado em tipo 14, letra Arial, espaço simples, alinhamento à direita. Abaixo de cada nome deve ser referenciado a Instituição de trabalho do autor(es).

Referências bibliográficas: digitar a expressão **Referência Bibliográfica** em negrito. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde for retirado o artigo, precedem o sobrenome. Os títulos de livro, coletânea ou revista devem vir em *itálico*. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 6 toques. A data identificadora da obra deve vir entre pontos, após o nome do autor (outras datas relevantes no final da entrada). Mais de uma obra de um autor no mesmo ano devem ser identificadas por letras a, b, c, etc. após a data.

Exemplos:

BAUER, Martin W; GASKELL, George (Eds.). 2005. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. 4 ed. Petrópolis: Vozes.

CÂMARA JR., J. Mattoso. 1977. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livro Técnico.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 2002. Sistema fonológico do português: discutindo o consenso. *D.E.L.T.A.* 18(1):1-24.

GUMPERZ, John J. 1986. Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In: Jenny Cook-Gumperz, ed. *The Social Construction of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.45-68.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

Investigações detém o “copyright” dos trabalhos a ela submetidos por 5 (cinco) anos, exceto nos casos em que estiver impresso o contrário. Os trabalhos publicados em **Investigações** só podem ser reeditados (livro, coletâneas etc) com expressa autorização do Corpo Editorial desta Revista. Os trabalhos submetidos à Revista **Investigações** não podem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras. Se contiver gráficos ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 25 páginas. ENSAIO BIBLIOGRÁFICO: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Endereço:

Os textos submetidos deverão ser enviados para:
contato@revistainvestigacoes.com.br

Editores:

Anco Márcio Tenório Vieira (ancovieira@yahoo.com.br) – Teoria da Literatura
Karina Falcone (kfalcone@gmail.com) – Linguística
Judith Hoffnagel (hoffnagel@uol.com.br) – Linguística

Fones: (81) 2126.8767 - Fax: (81) 2126.8767
<http://www.revistainvestigacoes.com.br>